

NASCIMENTO, Leandro José do; NOGUEIRA, Viviane Braz. Mundos binários, estudos possíveis: abordagens descoloniais em pesquisas em linguística aplicada. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 162-177, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237.759X.2022V51.e57746>

MUNDOS BINÁRIOS, ESTUDOS POSSÍVEIS: ABORDAGENS
DESCOLONIAIS EM PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA

BINARY WORLDS, POSSIBLE STUDIES: DESCOLONIAL APPROACHES IN
RESEARCH IN APPLIED LINGUISTICS

Leandro José do NASCIMENTO
(Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT)
leandro.nascimentomt@gmail.com

Viviane Braz NOGUEIRA
(Universidade Federal do Amazonas - UFAM/
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT)
viviannebraznogueira@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho apresenta, em forma de ensaio, duas pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisas Estudos de Linguagem e Descolonialidades (GPLeD-UFMT) e tem por objetivo discutir a produção de colonialidades que legitimam verdades em construções discursivas sobre a colonização da Amazônia e sobre os povos indígenas e não indígenas na universidade. Essas pesquisas em Linguística Aplicada têm como ponto de partida a experiência dos pesquisadores, suas vivências e sócio-histórias para analisar seus objetos e assim produzir sentidos. Conclui-se que o debate sobre (des)colonialidades oferece ao pesquisador em LA uma visão interrogadora acerca da manutenção da colonialidade em diferentes contextos da vida social e a produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: (des)colonialidades; discurso; sentidos; produção de conhecimento.

ABSTRACT: *This article is a presentation, , in the of on essay, of two studies carried out within the scope of the Research Group on Language Studies and Descolonialities (GPLeD-UFMT) and aims to discuss the production of colonialities that legitimize truths in discursive constructions about colonization of the Amazon, on indigenous and non-indigenous*

peoples at the university. This qualitative research of applied linguistics, has as its starting point the experience of researchers, their experiences and socio-histories to analyze their objects and thus produce meanings. It is concluded that the debate on (des)colonialities offers the researcher in LA a questioning view about the maintenance of coloniality in different contexts of social life and the production of knowledge.

KEYWORDS: *(des)colonialities; speech; senses; knowledge production.*

1. Introdução

As constantes transformações incidentes sobre a sociedade vêm modificando as relações dos/entre os sujeitos que nela se inserem. A velocidade de transmissão das informações, os avanços tecnológicos e os efeitos da globalização disseminam não apenas novas formas de enxergar o mundo, mas também, corroboram para a difusão de discursos e práticas que, ao mesmo tempo, podem incluir ou excluir. Dicotomias aparentemente inconciliáveis produzem e (re)produzem elementos da colonialidade, isto é, estruturas que hierarquizam, que classificam o “lá” e o “cá”, o “verdadeiro” e o “falso” e que permanecem na cena atual (QUIJANO, 2005, 2007; ZOLIN-VESZ, 2019; SANTOS e ZOLIN-VESZ, 2018).

Na perspectiva teórica de Quijano (2005), a colonialidade pressupõe hierarquização, isto é, há sempre uma hierarquia vigente entre os grupos urbanos para se classificar superiores e inferiores (QUIJANO 2005; 2009). Segundo o autor, a colonialidade estrutura-se nas/pelas interfaces de poder, representadas pela colonialidade do poder, pela colonialidade do saber, da epistemologia, e de quem detém a verdade e a ciência - a Europa; e, ainda, do ser, com a incidência da colonialidade do ser, com a própria negativa da condição de humanidade dos não europeus.

Neste sentido, a produção de colonialidades ainda na contemporaneidade permanece atual, promovendo a manutenção de hierarquias, a começar pela epistêmica, que, tal qual observa Grosfoguel (2012:339), configura-se pela compreensão de que “os conhecimentos produzidos no ‘ocidente’ são considerados superiores e os conhecimentos produzidos no mundo caracterizado como ‘não ocidental’ são considerados inferiores”. Pesquisar em Linguística Aplicada sob o prisma dos estudos descoloniais significa situar-se na contramão de uma pesquisa que busca revelar uma verdade única na construção do conhecimento, mas que compreende a própria construção de sentidos sobre o mundo e a vida social. Nas palavras de Zolin-Vesz, faz-se necessário,

buscar por "alternativas para a construção e a compreensão do mundo e da vida social", o que inclui também a procura por epistemologias produzidas fora do eixo "científico/não científico" [...] precisamos construir pesquisas na área dos estudos linguísticos que questionam os pressupostos os quais garantem a "cientificidade" da Linguística e da Linguística Aplicada, enquanto campos do conhecimento moldados por um ideal que a descreve como universal (ZOLIN-VESZ, 2019:2).

Descolonialidade, na perspectiva do autor, não corresponde a um arcabouço teórico sob o qual todas as pesquisas devam se amparar, "mas a perspectiva epistemológica com que tais pesquisas são construídas" (ZOLIN-VESZ, 2019:8). A descolonialidade, como aponta Zolin-Vesz (2019:4-5), busca "alternativas para a construção e a compreensão do mundo e da vida social, em particular pelo prisma das epistemologias escamoteadas pela instituição de um modelo eurocêntrico de ciência linguística", de modo a interrogar as categorizações e hierarquizações que esse modelo ressalta.

A existência do Grupo de Pesquisa Linguagens e Descolonialidades (GPLeD), do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), é um exercício permanente para se refletir sobre tais questões, colocando no centro do debate perspectivas de investigações científicas em LA guiadas pelos estudos descoloniais. Duas delas se conectam ao observarem a produção de colonialidades em situações vividas no contexto da Amazônia brasileira a saber: a) no discurso da colonização e ocupação da área, a partir do exemplo do projeto particular denominado Gleba Celeste, criado na parte Norte do Estado de Mato Grosso ainda na década de 1970 pelo empresário Enio Pipino; b) na relação entre estudantes indígenas e não indígenas e a universidade pública brasileira. Ambas foram apresentadas durante o 22º InPLA – Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada - e, neste trabalho, apresentam-se sob a forma de um ensaio por meio do qual é possível vislumbrar as possíveis abordagens descoloniais em pesquisas em Linguística Aplicada por meio de duas abordagens.

A primeira pesquisa observa a dissimetria forjada a partir da instituição das categorias criador e criatura no discurso de criação da Gleba Celeste. No dizer do empresário Enio Pipino sobre a fundação da Gleba Celeste denota-se a existência de uma hierarquia, na qual explicam Nascimento e Zolin-Vesz (2020:9), a mão do criador surge "como um guia à criatura, sem a qual não se caminharia rumo ao progresso e à racionalidade. Em tal perspectiva - que se mostra igualmente dicotômica - o colonizador exerce sua dominação e controle sobre o que se pretende dizer". Ou, igualmente, "sobre os efeitos de verdade que se tornarão conhecidos para que funcionem como verdadeiros" (NASCIMENTO; ZOLIN-VESZ, 2020:9).

Já a segunda pesquisa traça um olhar sobre as práticas identitárias de universitários indígenas, os estigmas e as relações conflituosas entre indígenas e não indígenas em universidades públicas brasileiras por meio de reportagens de jornais *on-line*, pois como assinalam Zolin-Vesz e Nogueira (2019:139), “a sociedade não indígena acredita possuir os pré-requisitos para estabelecer as demarcações sobre como o indígena deve ser e estar no mundo, o que reforça determinadas concepções estigmatizadas sobre os indígenas”. Faz-se necessário, então, produzir um levantamento da história para pensar como o discurso está autenticado e legitimado, uma vez que esse discurso se fundamenta em pensamentos e categorias de mundo em que um determinado grupo social ou um sujeito procura validá-lo e legitimá-lo segundo seus interesses (FOUCAULT, 2017).

Na cena ora tratada, em ambas as pesquisas o discurso ao qual se faz alusão é aquele da acepção foucaultiana, isto é, estando o próprio termo relacionado à produção de enunciados que corroboram para edificação de determinados sentidos em dado momento sócio-histórico. É importante compreender que, primeiramente, para Michel Foucault (2008) o enunciado compreende uma função que atravessa estruturas e unidades como uma frase, uma proposição, bem como suas estruturas, fazendo com que lhes atribuímos sentido ou valor de verdade. Isto possibilita compreender o porquê de determinados enunciados em relação aos episódios citados - projeto de colonização Gleba Celeste, universidade e estudantes indígenas e não indígenas - surgiram e não outros em seus lugares. Em segundo lugar, o próprio discurso é relacionado, na propositura do filósofo, a práticas discursivas que criam sentidos e efeitos de verdade. Assim, buscamos compreender, de igual modo, como os sentidos produzidos sobre estes dois objetos podem ser retomados ou mesmo (re)construídos de modo que se permita irromper em um mesmo espaço/tempo, permanecendo presente uma série de construções discursivas.

Este ensaio adota como ponto de partida a experiência dos pesquisadores, suas vivências e sócio-histórias para analisar seus objetos e assim produzir sentidos e significados em uma pesquisa emoldurada pela Linguística Aplicada de caráter INdisciplinar (Moita Lopes, 2006), trans/indisciplinar (FABRÍCIO, 2006), que dialoga com diferentes áreas do conhecimento e na direção de um arcabouço teórico transdisciplinar que atravessa o campo das ciências sociais e das humanidades, e que procura a criação de inteligibilidade sobre o uso das linguagens em todas as conjunturas sócio-históricas-culturais (MOITA LOPES, 2006). Este trabalho, portanto, apresenta as perspectivas de pesquisa realizadas e suas relações. As análises interpretadas equivalem à uma parcela da totalidade das pesquisas, não esgotando os objetos em investigação.

Assim, na primeira etapa, denominada "A pesquisa em LA e o diálogo transfronteiras com diferentes áreas do conhecimento", situa-se o papel da LA frente às diferentes áreas do conhecimento e a construção de um diálogo entre elas, a partir da chamada 'virada discursiva', que trouxe para o centro a questão do discurso. Em "As perspectivas de pesquisa em Linguística Aplicada: procedimentos metodológicos", discute-se o caráter metodológico das duas pesquisas apresentadas neste ensaio e que estão relacionadas ao fazer discursivo sobre a colonização da Amazônia. O ponto de partida é compreender como a vida dos pesquisadores se relaciona com os objetos ora tratados: a instituição do projeto Gleba Celeste e a questão universidade pública e o estudante indígena. Adiante, em "Da colonização da Amazônia às práticas identitárias e o estigma do indígena na universidade", são observadas as pesquisas individualmente, iniciando por aquela que lança olhar sobre a constituição discursiva da colonização da Amazônia, a partir do projeto Gleba Celeste e avançando sobre a investigação que observa as práticas discursivas constituídas em relação aos estudantes indígenas em universidades públicas. Nesta etapa também são apresentadas, mesmo que de maneira inicial, a interpretação de dados das duas pesquisas realizadas em âmbito do Grupo de Pesquisas Estudos de Linguagens e Descolonialidades, com foco na observação sobre a manutenção da colonialidade em diferentes contextos.

2. A pesquisa em LA e o diálogo transfronteiras com diferentes áreas do conhecimento

A datar da chamada virada discursiva, o interesse dos estudos das Ciências Sociais e Ciências Humanas passou a recair, em especial, sobre objetos produzidos na/pelas práticas discursivas e, logo, a questão discursiva que permeia as práticas sociais passou a despertar o interesse de diferentes áreas do conhecimento. Entre elas pode-se citar a Linguística Aplicada, que adquire o caráter "obviamente de natureza interdisciplinar/transdisciplinar" (MOITA LOPES (2006a:14), preocupada em "criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central" (MOITA LOPES (2006a:14).

Assim, o caminho trilhado pela Linguística Aplicada (LA) contemporânea trouxe à baila a necessidade da própria revisão sobre suas bases epistemológicas, reinventando-se e trazendo novos modos de fazer pesquisa, além de novos conhecimentos (MOITA LOPES, 2011). Dessa forma, as pesquisas em LA buscam compreender toda complexidade e multiplicidade e os sentidos plurais de contextos, sujeitos, identidades e espaços da sociedade atual (MOITA LOPES, 2004). Nessa perspectiva, Fabrício (2006) assinala que há na atualidade uma

pluralidade de sistemas semióticos em jogo na constituição de sentido e lembra que nossas práticas discursivas não são neutras, nem imparciais, pois envolvem ideologias e políticas que são atravessadas pelas relações de poder e que surtem efeitos no mundo social.

A Linguística Aplicada como Ciência trans/indisciplinar passou a superar as fronteiras como: a) do pensamento que isola o pesquisador do contexto da pesquisa, não o considerando enquanto um sujeito social que pensa e, como tal, realiza escolhas; b) do pesquisador excluído de uma prática também social; c) da construção de objetos de pesquisa que se colocam como estáticos, pouco ou nada conectados ao cotidiano, aos discursos; d) do não diálogo com outras bases do conhecimento e que estão fora do campo linguístico. Neste sentido, descreve Fabrício (2006: 60), emerge uma Linguística Aplicada como “prática problematizadora envolvida em contínuo questionamento das premissas que norteiam nosso modo de vida; que percebe questões de linguagem como questões políticas”, bem como “que não tem pretensões a respostas definitivas”, um espaço de “desaprendizagem” (FABRÍCIO, 2006:60).

Coadunando com o mesmo pensamento, Rojagopalan (2002) critica a Linguística por produzir conhecimentos que não dialogam com as práticas sociais e assinala que o mesmo acontece com algumas tradições da LA, pois não focalizam a vida social e suas motivações político-ideológicas. Neste contexto, Pennycook (2006) ressalta ainda que a Linguística Aplicada não se aplica a fronteiras disciplinares e nem busca uma verdade absoluta, mas tenta um pensar diferente, que politiza e problematiza o discurso característico da vida social, mostrando um sujeito heterogêneo, fragmentado e fluido.

Conforme Moita Lopes (2016b:102), se antes da virada discursiva o real e o trabalho da Ciência produziam as “últimas verdades”, ou mesmo verdades consideradas demarcadas ou estabelecidas, no pós-virada discursiva a realidade passa a ser compreendida como uma construção discursiva. O trabalho de Michel Foucault é basilar para se compreender como o percurso epistemológico passou a ser repensado, orientando novos modos de produzir conhecimento. O primeiro ponto reside em questionar o próprio conceito de “verdade” comumente afirmado pela Ciência positivista. Este cede espaço ao “estatuto da verdade” (FOUCAULT, 2018), que, conforme o filósofo, exerce papéis político, social, institucional, econômico e demais. Na cena teórica de Michel Foucault a verdade compreende um “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2018:13). Cada sociedade tem seu “regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2018: 12). Logo, observar a construção do mundo social sob o prisma do

discurso é compreender que “discursos configuram ambientes, produzem espaços e criam noções de coerência e estabilidade” (FABRÍCIO, 2006: 55).

Neste sentido, aponta-se a virada discursiva como um fenômeno que influenciou a própria condição de existência da Linguística Aplicada, abrindo espaço para uma LA indisciplinar e de intercâmbio com outras áreas, de forma a edificar um arcabouço transdisciplinar para a construção do conhecimento. Como pontua Moita Lopes (2006b: 96), essa aproximação também constrói uma Linguística Aplicada atenta à “vida contemporânea”.

Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social, etc. A chamada “virada discursiva” tem possibilitado a pesquisadores de vários outros campos estudar a linguagem com intravisiões muito reveladoras para nós. Parece essencial que a LA se aproxime de áreas que focalizam o social, o político e a história. Essa é uma condição para que a LA possa falar à vida contemporânea.

Conforme Moita Lopes (2006b: 90), ao linguista aplicado incumbe-se o papel de mais que produzir conhecimento, mas “situar seu trabalho no mundo, em vez de ser tragado por ele ao produzir conhecimento que não responda às questões contemporâneas em um mundo que não entende ou que vê como separado de si como pesquisador: a separação entre teoria e prática é o nó da questão”. Em um novo sentido, “a opção tem a ver com conhecimentos que refletem as mudanças radicais da vida contemporânea e, em outro, na direção de um projeto epistemológico com implicações sobre a vida social” (MOITA LOPES, 2006b: 91). Esse raciocínio parece nortear as perspectivas de se fazer pesquisa em Linguística Aplicada na contemporaneidade, a exemplo das duas que são tratadas neste trabalho e sobre as quais dedicamos atenção na próxima etapa.

3. As perspectivas de pesquisa em Linguística Aplicada: procedimentos metodológicos

O percurso para realizar pesquisas em Linguística Aplicada se mostra desafiador, especialmente em um mundo no qual as práticas linguageiras “ainda constroem as colonialidades que produzem classificações dissimétricas do mundo e da vida social, tais como as conhecidas matrizes binárias e excludentes, a exemplo do científico/não científico, verdadeiro/falso e correto/errado” (ZOLIN-VESZ, 2017:9). Neste sentido, ao se compreender tal premissa, a própria condição de agente pesquisador desperta ao exercício de se realizar uma investigação

cuja essência se abre a novas bases e perspectivas. Agir ao encontro do que postula Fabrício (2006: 48) quando descreve o momento vivido pela LA, a revisão sobre suas bases epistemológicas, a reboque da compreensão de que:

1) se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva; 2) de que nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social; 3) de que há na contemporaneidade uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de construção de sentidos (FABRÍCIO, 2006: 48).

Em um primeiro momento, ambas as pesquisas trazidas para este ensaio são emolduradas pela própria sócio-história dos pesquisadores: os dois moradores e residentes nesta área denominada Amazônia Legal e, como tal, elegem tal característica para a escolha dos objetos que serão observados. De um lado estão as práticas discursivas que moldaram a construção de sentidos em torno do processo de ocupação da Amazônia, a partir dos projetos de colonização fundados na década de 1970; de outro, na instituição de estigmas sobre estudantes indígenas na universidade pública brasileira. No campo da interpretação dos dados, para se compreender como o dizer do colonizador instituiu categorias como “criador e criatura”, recorreu-se à entrevista conferida pelo empresário Enio Pipino ainda em 1982 ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, a partir da qual o episódio de fundação e criação da Gleba Celeste, em Mato Grosso, é tratado em um diálogo com quase uma hora de duração. Nascimento (2020: 15) explica que, a partir deste ponto, a abertura da “Gleba Celeste é tratada não apenas como uma estratégia administrativa para a criação de cidades, mas uma lógica que hierarquiza, gera poder e discurso”. A justificativa por esta escolha reside no fato de trazer para a pesquisa a narrativa do indivíduo diretamente envolvido neste processo de ocupação das terras da Amazônia na região Norte de Mato Grosso e que é o colonizador Enio Pipino.

O depoimento de Enio Pipino é parte do projeto Memória da Amazônia, coleção 001010MAM - Memória da Amazônia - registrada sob o número 78.28, item 00101MAM00065AD, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. O arquivo é datado de 01 de julho de 1982 e está disponível na versão digital do MIS. Abordam-se na entrevista de Enio Pipino questões como a da instituição da Gleba Celeste, o processo sócio-histórico de ocupação do Norte mato-grossense, bem como a iniciativa realizada pela empresa particular de colonização para estabelecer um novo projeto em meio à Amazônia, atribuindo sentidos à colonização.

Já para se observar a relação entre o estudante indígena e a universidade recorreu-se a um conjunto de reportagens veiculadas em jornais *on-line* do Brasil, tomando como ponto de partida episódios de violência e da configuração de preconceito sobre os indígenas da Amazônia. Os arquivos compreendem 10 (dez) reportagens veiculadas em diferentes portais entre os anos de 2015 e 2019, das quais apenas três serão citadas neste ensaio. Ambas as pesquisas não esgotam o debate sobre tais temas, trazendo apenas uma visão/perspectiva sobre estas questões, de modo a situar o leitor sobre as possibilidades de pesquisa em LA.

4. Da colonização da Amazônia às práticas identitárias e o estigma do indígena na universidade

Os esforços da colonização parecem indicar a busca pela verdade a outros, a exemplo da criatura, corroborando para o surgimento de uma episteme - esta sendo a do colonizador -, que é acionada a partir da identificação de um discurso em outro (NASCIMENTO; ZOLIN-VESZ, 2020). Neste sentido, um ou mais discursos produzidos por parecerem reais têm efeito de verdade (FOUCAULT, 2018). Na pesquisa que observa a constituição discursiva da colonização da Amazônia, com ênfase para no projeto de colonização Gleba Celeste, instituído na década de 1970 na região Norte de Mato Grosso, o porta-voz que enuncia sobre o empreendimento é Enio Pipino, empresário e dono da empresa que atuou nesta frente de colonização. Na outra ponta está o migrante atraído à área, também nomeado como criatura e apta a participar do processo. Em tal relação o discurso do empresário interpela o colonizado e de igual maneira configura a existência de um agente superior (o colonizador) e outro inferior (colonizado), recuperados ao longo das práticas discursivas sobre a fundação da Gleba Celeste. Nos três enunciados a seguir, Enio Pipino apresenta o trabalho de divulgação da área e discorre sobre a atração do migrante; reafirma a lógica criador/criatura quando da analogia a outro discurso - o de ocupação da Amazônia e da referência deste espaço como pouco explorado economicamente, sendo justificável sua ocupação; bem como a inter-relação entre colonização e a criatura, de modo que a sorte de um estava ligada à do outro. Frise-se que os excertos a seguir não representam a totalidade das observações e interpretações de dados desta pesquisa, mas apenas uma parcela realizada em âmbito da investigação que se mantém em curso.

Enunciado 01: Nós fazemos um trabalho de persuasão muito grande. Nós temos um trabalho que pega aqui do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, em todos esses Estados nós temos gente oferecendo terras e oferecendo as

condições para que as informações, para que a criatura passe acreditar na Amazônia e hoje já não é novidade.

Enunciado 02: O homem sai e vai abrir lá na Amazônia. Isto é, também, uma aventura. Isto é uma aventura que eu acho glorificada, eu acho que cada criatura daquela devia ser condecorado, porque ele tá prestando pra nação um grande trabalho, o trabalho da ocupação da Amazônia, desse grande espaço vazio.

Enunciado 03: [...] a empresa se preocupa com contentamento e com a felicidade da criatura humana porque eles são fatores importantes para que você traga outros e mais outras criaturas, viu? E esse otimismo regional é que possibilita a vinda de outros colonos, a insatisfação interna provocaria sim um revés; quase que assim um expurgo do elemento que tivesse vontade de se fixar na Amazônia.

Na rede de sentidos produzidos a partir dos dizeres de Enio Pipino, observa-se, primeiramente, o aspecto econômico entrelaçando as práticas discursivas. A Gleba Celeste e o papel do colonizador (criador) são manifestados por meio dos mecanismos, através dos quais se pudesse promover a sobrevivência do grupo de residentes na Gleba Celeste. Proporcionando tal sentimento, estar-se-ia contribuindo para o alcance da felicidade do sujeito migrante que para a localidade decidiu se mudar. Nos enunciados, a classificação criador e criatura perfaz o discurso de fundação da Gleba Celeste, de modo a produzir dissimetrias, também hierarquias entre criador e criatura, cada qual com seu papel devidamente estabelecido. Ao criador compete a tarefa de dispor de meios e operações por meio dos quais o projeto de colonização pudesse também cumprir o seu papel e, conseqüentemente, assegurar a permanência do migrante. Já à criatura cabe a acreditação e adesão à iniciativa, encontrando naquele novo espaço, um também local para se fixar e permanecer. Destarte à relação criador e criatura, a criatura designada pelo empresário paulista não dispõe de rosto ou mesmo nome e que deveria participar da fundação da Gleba Celeste.

Nascimento e Zolin-Vesz (2020), ao discutirem a fundação da Gleba Celeste e a relação estabelecida na área entre empresa de colonização e morador, pontuam que o discurso do empresário constrói um "efeito do real", ou "efeitos de poder" e, como tal, os efeitos dessa verdade vão depender diretamente das relações de poder estabelecidas sócio-historicamente. "Diremos, nesse percurso, que por haver em cada sociedade um dado regime de poder/verdade, cada uma defende o discurso que se pretende tornar como o mais verdadeiro".

A segunda pesquisa, intitulada "O estudante indígena e a universidade pública brasileira: um olhar sobre as práticas identitárias e os estigmas construídos em reportagens de jornais *on-line*", tem-se por intuito compreender como são (re)construídas as práticas identitárias de

acadêmicos indígenas em universidades públicas brasileiras, a partir de interpretações de reportagens de jornais *on-line*, bem como verificar como se apresentam os estigmas nessas situações.

Nessa perspectiva, ponderar sobre os processos de colonialidade, descolonialidade e resistência dos indígenas no Brasil é confrontar-se com a tentativa de marginalização, silenciamento e apagamento desses sujeitos históricos. Observa-se uma diversidade de olhares conflitantes entre indígenas e não indígenas no que se refere aos mais diversos momentos históricos, sociais e culturais brasileiros. Constata-se que a cada dia mais cresce a presença de indígenas no ensino superior (LIMA E BARROSO-HOFFMANN, 2007) buscando não só legitimar sua etnicidade, como também procurando capacitação e melhores condições para se adequarem ao mercado de trabalho e à sociedade contemporânea, além do combate à exploração, aos preconceitos e a estigmatização indígena (GOFFMAN, 2017).

No entanto, assim como o aumento de indígenas nas universidades, nota-se também a propagação de práticas discursivas de intolerância e ódio contra os sujeitos supracitados, perpetrado não só nos espaços acadêmicos como também em mídias e redes sociais, tornando-se frequentemente manchete em jornais pelo país e ocasionando entre indígenas e não indígenas estranhamentos, principalmente pelo fato de que muitos dos indígenas universitários precisam se adaptar aos regulamentos de uma universidade que não foi estruturada para receber povos colonizados. Levando em conta que as relações conflituosas entre indígenas e não indígenas reverberam desde o período colonial e pensando nas práticas identitárias e nos estigmas foi iniciada a referida pesquisa através de site de busca, por reportagens *on-line* que tratavam da temática em questão. Foram selecionadas então dez reportagens que foram interpretadas. Assinala-se ainda que do corpus total apenas três serão mencionadas neste trabalho.

É uma pesquisa qualitativa de base interpretativista que se baseia no pressuposto de que o mundo social possui diversos significados que o sujeito constrói (Moita Lopes, 2006). Assim, parte-se de uma posição epistemológica que resulta da capacidade de interpretação dos dados gerados e dos significados produzidos pela sócio-história do pesquisador. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa interpretativista atua como uma forma de compreender as práticas sociais em seus "cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos sociais em termos de significados que as pessoas a eles conferem" (DENZIN; LINCOLN, 2006: 17). Diante desse pressuposto, essa pesquisa também está ancorada na Linguística Aplicada Indisciplinar - LAI, que compreende a sociedade contemporânea, ou seja, considera os indivíduos em seu contexto sócio histórico e cultural.

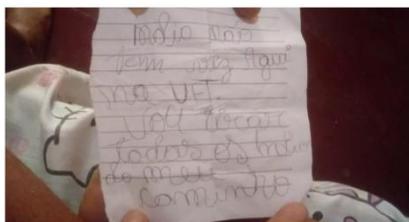
É nesse viés que a Linguística Aplicada Indisciplinar como campo de estudo epistemológico chama “a atenção para a necessidade de ouvir as vozes das periferias ou daqueles aliados da modernidade” (MOITA LOPES, 2009: 21), como é o caso dos indígenas, mulheres, negros, pobres, homossexuais, etc., não só para a produção de novos saberes, mas com o interesse principal de entender suas epistemes, desejos e vivências. (MOITA LOPES, 2009). A Linguística Aplicada Indisciplinar, então, possui um sujeito de pesquisa que é heterogêneo, distante da concepção cartesiana de neutralidade do pesquisador.

A pesquisa em questão procurou entender o percurso trilhado por estudantes universitários indígenas e as práticas identitárias presentes nesses acadêmicos diante da propagação dos discursos intransigentes e de ódio ditos por não indígenas e apresentados em reportagens de jornais *on-line*. Dessa maneira, a seguir, relatamos os resultados preliminares das interpretações de três das dez reportagens selecionadas.

Estudantes indígenas da UFT recebem bilhetes com ameaças: 'vou tirar todos do meu caminho'

Papéis com recado foram encontrados em mochila de estudante do curso de logística da UFT em Araguaína. Universidade disse que abriu investigação para apurar fatos.

Por G1 Tocantins
19/06/2019 20h04 - Atualizado há 2 anos



Índigena encontrou bilhete dentro de mochila — Foto: Divulgação

Fonte: G1 Tocantins



Fonte: Racismo Ambiental

'Não desejaria a ninguém', diz estudante indígena da UFT ameaçado em bilhete

Estudantes e professora foram à sede da Polícia Federal em Araguaína registrar o caso. Pai de estudante ameaçado diz que vai levá-lo de volta para aldeia: 'O povo está muito preocupado'.

Por TV Anhanguera
20/06/2019 12h48 · Atualizado há 2 anos



Pai de Kayman disse que vai levar filho de volta para a aldeia — Foto: Reprodução/TV Anhanguera

Fonte: G1 Tocantins

Desde o período colonial, os indígenas, assim como outras minorias, tiveram sua cultura e valores dizimados em prol da cultura, da língua, da religião e da dominação dos colonizadores. Por anos os movimentos indígenas foram presentes nas lutas não só pelos seus direitos, pela saúde, por suas terras, mas também pela educação escolar dos indígenas, entre outras reivindicações. Mesmo com todos os avanços, na contemporaneidade o sistema educacional brasileiro se mostra muito colonizador, com práticas muito excludentes e intolerantes contra os grupos étnicos e sociais minorizados (NOGUEIRA; ZOLIN-VESZ, 2021), pois segundo os referidos autores é “dentro desta perspectiva histórica que podemos observar a trajetória de lutas da educação escolar indígena” (NOGUEIRA; ZOLIN-VESZ, 2021, p. 14).

Nogueira e Zolin-Vesz (2021), fundamentando-se em Luciano (2011), destacam que o aumento do ingresso de estudantes indígenas em universidades é uma realidade, no entanto, ainda hoje, a constância e manutenção dessas minorias, como os acadêmicos indígenas, são barreiras que precisam ser superadas. Observa-se também que uma grande parte desses estudantes indígenas convive com a suspeição, desconfiança e a intransigência por parte dos não indígenas nos espaços universitários que deveriam ser ambientes de inclusão e acolhimento.

Os primeiros resultados apontam para o crescimento do preconceito, do racismo e da estigmatização dos universitários indígenas por acadêmicos não indígenas, visto que estes desconsideram os relevantes aspectos culturais e educacionais indígenas. No entanto, apesar de todas as adversidades, os universitários indígenas garantem cada vez mais espaços e respeito dentro da academia, ao reafirmarem sua identidade social, cultural e étnica. Além disso, eles dão mais visibilidade às lutas políticas travadas pelos povos originários para

garantir todos os direitos adquiridos por lei ao longo dos tempos (NOGUEIRA, ZOLIN-VESZ, 2021).

Nesse sentido, as práticas identitárias indígenas apresentadas nas reportagens transitam entre as diversas identidades, sejam elas étnica, social e cultural, uma vez que assumiram sua etnicidade, defendem o direito de estar no ensino superior e seu pertencimento, além de protegerem sua cultura e sua ancestralidade. Apresenta-se, então, um grande desafio ainda a ser vencido pelas instituições universitárias, por universitários indígenas e não indígenas, o de construir as identidades a partir do respeito às diversidades interculturais e pluriétnicas, pois como nos assinala Paulino (2008, p. 145), "os povos indígenas na universidade podem mostrar, com toda a sua pluralidade, que existem outras formas de ser/estar no mundo que vão além da matriz eurocêntrica hegemônica".

Considerações Finais

Neste trabalho que apresentou duas pesquisas realizadas em âmbito do Grupo de Pesquisas Estudos de Linguagens e Descolonialidades (GPLeD-UFMT), estimula-se uma visão interrogadora acerca da manutenção da colonialidade em diferentes contextos da vida social e a produção de conhecimento.

A interpretação dos dados nas duas pesquisas mostra marcas profundas do colonialismo no Brasil, quer seja na região Amazônica, quer seja nos espaços acadêmicos brasileiros. Ademais, revelam a intolerância e violência contra os grupos sociais menos favorecidos. Nesse sentido, é preciso movimentos políticos e educacionais que descolonizem o poder e o saber e promovam a visibilidade daqueles que até então eram e são considerados classes subalternas.

Apesar de ser uma pequena amostra dos referidos estudos, os resultados mostram a problematização das temáticas e o debate de práticas discursivas coloniais que por um lado geram preconceitos que invisibilizam o outro e provocam o silenciamento de vozes minoritizadas. Por outro, atravessam fronteiras e despontam práticas identitárias fortalecidas.

Referências bibliográficas

ESTUDANTES INDÍGENAS DA UFT RECEBEM BILHETES COM AMEAÇAS: 'VOU TIRAR TODOS DO MEU CAMINHO'. G1 Tocantins: Tocantins, 19 de junho de 2019. Disponível em: <https://g.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/06/19/estudantes-indigenas-da-uft-recebem-bilhetes-com-ameacas-vou-tirar-todos-do-meu-caminho.ghtml>. Acesso em: 06 fev. 2022.

NASCIMENTO, Leandro José do; NOGUEIRA, Viviane Braz. Mundos binários, estudos possíveis: abordagens descoloniais em pesquisas em linguística aplicada. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 162-177, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2018. p. 35-54.

GROSFUGUEL, R. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 2, jul./dez. 2012, p. 337-362.

INDÍGENAS SOFREM PRECONCEITO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. RACISMO Ambiental, 9 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2016/01/09/indigenas-sofrem-preconceito-na-universidade-federal-de-roraima/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como Linguista Aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 13-44.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 85-107.

'NÃO DESEJARIA A NINGUÉM', DIZ ESTUDANTE INDÍGENA DA UFT AMEAÇADO EM BILHETE. G1 Tocantins: Tocantins, 20 de junho de 2019 Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/06/20/nao-desejaria-a-ninguem-diz-estudante-indigena-da-uft-ameacado-em-bilhete.ghtml>. Acesso em: 06 fev. 2022.

NOGUEIRA, V. B; ZOLIN-VESZ, F. *A trajetória de lutas indígenas em universidades na Amazônia: Um olhar sobre as identidades de universitários indígenas em reportagens de jornais on-line*. Revista Outras Fronteiras. Dossiê Povos e culturas da região Amazônica: imigração, trabalho e luta. v. 8 n. 2, 2021.

NASCIMENTO, Leandro José do; NOGUEIRA, Viviane Braz. Mundos binários, estudos possíveis: abordagens descoloniais em pesquisas em linguística aplicada. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 162-177, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

PAULINO, M. M. *Povos indígenas e Ações Afirmativas: o caso do Paraná*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: FAGED/UFRJ, 2008.

PIPINO, E. *Enio Pipino: entrevista*. [01 julh. 1982] Entrevistadores: José Carlos Pereira de Freitas, Bacilla Neto. São Paulo, SP, 1982. Gravação digital de áudio (53:13). Entrevista concedida ao Projeto Memória da Amazônia do Museu da Imagem e do Som.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005. p. 107-130.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. 2009. p. 73-117.

ZOLIN-VESZ, F. Apresentação. In: ZOLIN-VESZ, F. (org.). *Linguagens e Descolonialidades: práticas languageiras e produção de (des)colonialidades no mundo contemporâneo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 09-14.

SOUZA, D. S.; ZOLIN-VESZ, F. Da hospitalidade à intolerância ao migrante árabe: construções discursivas sobre um mesmo Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 2, p. 877-893, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651844/18326>. Acesso em: 06 fev. 2022.

Recebido em: 22/03/2022
Aprovado em: 21/09/2022